

ODE A ACADEMIA MAÇÔNICA SERGIPANA DE ARTES, CIÊNCIAS E LETRAS

Manoel Moacir Costa Macêdo – Mestre Maçom, Loja Simbólica Cotinguiba, nº 235 do Grande Oriente do Brasil, Aracaju, Sergipe.

Discurso de posse na Cadeira Nº 30 da Academia Maçônica Sergipana de Artes, Ciências e Letras.

Saudação aos presentes: Grão Mestre do GOESE; Veneráveis Mestres; Presidente da Academia, Sapientíssimos Irmãos; Autoridades Maçônicas, Acadêmicos; Meus irmãos.

Expresso emocionado, e com a vênua dos deuses, pela vaidade por esse momento ímpar na minha modesta e curta caminhada reencarnatória. Não é um agradecimento fugaz e protocolar, mas a expressão da verdade sob as bênçãos do GADU e do fiel juramento sob ferro e fogo; doçura e amargor; e justiça e perfeição.

O reconhecimento pelos pares é sublime e distinto de todos os outros. Ele independe dos próprios e únicos esforços. Ele não é individual. É coletivo, espontâneo e consolador. As titulações no ambiente profano, mormente no ambiente de ciência do cotidiano, exigem provas, títulos e avaliações, comprovadas pelo método científico positivista. O avaliado em desigualdade de armas e em alguns casos em subordinação.

Ser membro da Cadeira Nº 30 da Academia Maçônica Sergipana de Artes, Ciências e Letras, não segue a lógica em uso desse estreito cartesianismo. Não se relaciona com as imperfeições eivadas de vaidades humanas carentes da mais relevante das virtudes - a humildade - pois sem ela, não existem as demais. Rejeita as distinções escamoteadas pela cor da pele e do sangue. Não valora os ardis e insalubres valores do ter, nem dos endereços e cartões de identificações. Descarta a reprodução de influentes gerações, herdada em nomes e sobrenomes de descendentes

poderosos e arcaicos, de um tempo, onde a terra, a exploração humana, a captura do Estado, e a justiça pelas próprias mãos determinavam os poderes político, econômico, social, jurídico, inclusive os da ciência, das letras, e das artes. Ela não se ampara na crueldade inquisitória e mortal perante a sabedoria e a inventividade de Galileu Galilei.

Não, não é esse o sentido de ser membro da Academia Maçônica Sergipana de Artes, Ciências e Letras. Ela segue uma lógica reconstruída em outras bases filosóficas, sob a égide da liberdade, igualdade e fraternidade. Ela se dobra perante as bênçãos do GADU. Ela rompe os grilhões do atraso, da arrogância e da prepotência artificializados em minúsculos interesses restritos ao retângulo em preto e branco, como um cárcere. Ela significa uma dialética permanente entre a tradição, a invenção e a modernidade, numa encruzilhada de expressões milenares, num tempo de inovações tecnológicas, disruptivas e imprevisíveis.

Na numerologia cabalística o N° 30 significa “realização, expressão, imaginação, liberdade e comunhão com todos”. Uma analogia coincidente com a minha personalidade, e as escolhas de ver o mundo, de inovar, de lutar, de transformar e de sonhar. Como canta o forrozeiro nordestino Flávio José: “eu não sou dono do mundo, mas tenho culpa porque sou filho do dono”.

A distinção que ora tatuo no meu ser, simboliza a “imortalidade pela ciência, letras e arte”, num contexto de homens livres e de bons costumes. Ela se ferramenta nas práticas da tolerância à diversidade. Na irmandade entre os irmãos. Na coragem de nunca temer o bom combate frente à ignorância, à opressão, e os vícios. Ela não existe num vácuo social, mas num local no dizer do poeta Gilberto Gil, “de certo povo que habita em algum lugar, e sobre esse lugar comum, onde todos somos iguais em nossas imensas diferenças”.

A homenagem expressa nas alegorias, ritos e dimensões filosóficas dessa simbólica cerimônia, ultrapassa os limites penosos dos umbrais e penetra na abóbora celestial maçônica do Oriente ao Ocidente; do Sul ao Norte; e da Terra ao Céu. Ela incorpora na sua mitologia a grandeza do Universo. O seu limite é a universalidade, traduzida na práxis da humanidade. A sua grandeza na analogia maçônica, está fincada sob as colunas da “Sabedoria, da Força e da Beleza”. A Sabedoria encontra-se em par com as Letras. A Força acolhe a Ciência. A Beleza expressa a Arte. Destaco como preferência essencialmente retórica, nesse discurso, a volúpia da arte. O humanista Divaldo Franco, orador espírita, reza em uma das suas orações que a “arte, em si mesma experimentou, desde os seus primórdios, as diferentes escolas de pensamento do progresso da humanidade, fazendo-se manifestação de beleza de cada período da existência humana. Desde a clássica à contemporânea, de forma própria a significar os acontecimentos em voga”.

Dostoievski, na sua magnífica obra “O Idiota”, coloca nos lábios de um príncipe cristão a afirmativa de que “a beleza salvará o mundo”. Tradicionalmente, a beleza significa a qualidade e a virtude do que é belo, que desperta sentimentos de prazer dos sentidos. Somente os “ouvidos absolutos” dos humildes, escutam os acordes divinos da sinfonia da arte. Os estágios emocionais e evolutivos da criatura humana em acordo com os seus níveis de consciência, intelectuais e morais, sentem a beleza de maneira variada. Daí, as diversas formas de ver, sentir e compreender as expressões artísticas, como o objeto dessa Academia.

Por isso, a cada tempo, os artistas optaram por mudar os padrões vigentes de beleza, criando novos modelos, e em consequência surgem às reações e discordâncias, aos paradigmas ditados pelo novo tempo. Como escreveu outro gênio da arte, Caetano Veloso: “canto somente o que não pode mais se calar”. Resta-nos torcer

para que os cabrestos ou rédeas, que há tanto tempo são colocados como freios, pelas forças e poderes reativos, não permaneçam por mais tempo. Que cada um de nós, possa se livrar dos seus próprios vícios e viseiras.

A Maçonaria não é um partido político, uma igreja ou um clube de serviços que fixa posições e interesses de grupos particularizados por conquistas individuais e postos de poder, motivados por vaidades e orgulhos. Em essência, ela é coletiva, filosófica, pura, e para o bem comum. Essa iniciação que ora estou a vivenciar, somente terá razão, se contribuir para formar homens melhores, ensiná-los a se libertar dos dogmas, das masmorras morais, e das cercas cimentadas por apetrechos colados no corpo e na alma, advindos de um tempo velho, do Oriente ao Ocidente. No dizer do Professor Jon Huntsman, no livro “Os vencedores jogam limpo”:
“pessoas decentes, honradas, sempre terminarão as corridas em que estiverem empenhadas – em grande estilo e respeitadas”.

Finalmente, como membro recém-empossado na Cadeira Nº 30 da Academia Maçônica Sergipana de Artes, Ciências e Letras, sou um destemido navegador, que busca pela força da palavra, da escrita e do pensar, navegar na imensidão do oceano da vida, com a liberdade dos ventos e o destemor das ondas, para expressar a beleza da arte, numa Maçonaria, que não pode permanecer cimentada em seus milenares códigos, extravagantes lantejoulas, e números cabalísticos, pois no tempo de “mudança de época”, como disse o Apóstolo Mateus, poderá se transformar independente do nosso querer, e de fora para dentro, em “sepulcro caiado por fora”, e, acrescento vazia por dentro. Muito obrigado. Aracaju, 30 de novembro de 2017.